

Temas ambientais e fraturantes na Literatura Infantil de Rita Lee

Norma Sueli Rosa Lima¹

Resumo: Exame de livros da Literatura Infantil, escritos por Rita Lee, que abordaram temas não usuais, para a recepção etária pretendida, como a violência, o tráfico de animais, a devastação da natureza, entre outros. A análise compreende a série *Dr. Alex*, com obras publicadas entre 1986-1992, reeditadas entre 2019-2020, incluindo uma estória inédita lançada em 2021, e *Amiga Ursa*, de 2019. As perspectivas teóricas de Ana Margarida Ramos, José Nicolau Gregorin Filho, Marisa Lajolo, Teresa Colomer e Regina Zilberman, entre outros, auxiliaram as reflexões que concluíram ter essa produção feições tanto estéticas, quanto ativistas, além de ser inquestionável a importância das abordagens ambientais e fraturantes das obras, amplamente divulgadas e repercutidas em função de terem sido escritas por uma artista famosa, que as relançou em editora de grande porte empresarial. As reedições identificaram a pertinência de abordagens pouco usuais para crianças devido à atualidade das temáticas denunciadas, percebendo o pioneirismo da escritora no que tange à atual leva de livros voltados para a ficção climática, na qual o meio ambiente não é apenas cenário.

Palavras-chave: Rita Lee; Literatura infantil; Temas fraturantes; Temas ambientais; Ficção climática.

Novas temáticas da moderna literatura infantil de Rita Lee

Publicada nas décadas de 1980/1990, a primeira leva da série *Dr. Alex* escrita por Rita Lee tematizou, nos quatro primeiros livros e em suas reedições, a defesa da natureza, dos animais e das minorias, na presença do seu protagonista: um ratinho branco de laboratório. Os livros se anteciparam ao período da luta ecológica, a qual ainda não se organizara institucionalmente no Brasil, pois isso só ocorreria a partir de 1992 com a Conferência da ONU realizada no Rio de Janeiro, que trouxe por consequência iniciativas como o Fórum Brasileiro de ONG, além de Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Segundo o clássico texto de Eduardo Viola (1987): “O movimento ecológico no Brasil (1974-1986)”, após a Conferência, a temática ambiental atingiu debate mais amplo, agregando às lutas das entidades das décadas anteriores, que remetiam à proteção do meio ambiente, associações que veiculavam denúncias e movimentos informais organizados por moradores atingidos pelos impactos ambientais dos grandes empreendimentos.

¹ Procientista UERJ/FAPERJ. Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutoramento em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestra em Letras (Literatura Brasileira) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bacharel e licenciada em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6140-2597>. E-mail: normalim@gmail.com.

Os livros da série foram reeditados entre 2019/2020 e um novo foi lançado em 2021: *Dr. Alex & Vovó Ritinha: uma aventura no espaço. Amiga Ursa* (2019a), que não pertence à série de aventuras do ratinho, se uniu às temáticas abordadas desde *Dr. Alex* (1986) que revelaram aspectos histórico-político-sociais da reivindicação de direitos, no âmbito da Literatura Infantil. A autora, bastante famosa como cantora e compositora, também estabeleceu elos entre essas produções literárias com temas desenvolvidos em suas canções e ativismos sociais, embora não seja o objetivo desse artigo relacioná-los. *Amiga Ursa* agregou às denúncias sobre maus-tratos aos animais e à destruição da natureza, desenvolvidas em *Dr. Alex* (1986), a violência do sequestro e da escravização ao narrar a história de Marsha, urso siberiana raptada para o Brasil e vítima de inúmeras agressões em circos. Resgatada pelo IBAMA e levada para o Rancho dos Gnomos (SP), pode finalmente voltar a ser livre, respeitada e rebatizada como Rowena.

Apesar de haver muitos títulos publicados para as crianças sobre a ursinha Marsha, em sua maioria ela aparece tranquila e em seu habitat natural, sem a abordagem do violento itinerário até ao final feliz. Os livros de Rita Lee assumem protagonismo fundamental por trazerem o incômodo assunto no contexto dos temas fraturados, ainda na década de 1980, quando foram lançados inicialmente pela Global Editora e, depois, pela Editora Melhoramentos. Reeditados pelo Grupo Globo, através do selo Globinho, alcançaram ampla divulgação na mídia, debates e olhares para temas não convencionais, em obras infantis.

Teresa Colomer, em *A formação do leitor literário*, realizou síntese interessante sobre os debates teóricos da produção literária destinada a determinada faixa etária, quando os estudos sobre livros infantis se definiam por oposição às características da literatura para adultos, posição que “foi se repetindo através dos tempos por parte de muitos outros autores, que negaram de forma contundente a denominação de ‘literatura’ a estes textos” (Colomer, 2003, p. 43). A autora também observou a importância que a obra *A psicanálise dos contos de fadas* (1975), de Bruno Bettelheim, teve para a mudança de orientação de pressupostos que incentivavam a fantasia das crianças através daquela narrativa “vista até então como um entretenimento banal em relação à formação infantil” (Colomer, 2003, p. 63). Bettelheim percebeu que elas alcançavam o inconsciente, em contraponto às narrativas de viés “realista”, que procuravam formular valores e conceitos “sólidos”.

Para outro especialista da área, José Nicolau Gregorin Filho (2008, p. 37), a crítica literária não se ocupou da análise da Literatura infanto-juvenil com a mesma ênfase que o fez

para obras consagradas da literatura universal, por ela ainda ser “vista como uma literatura de menor valor por grande parte dos críticos literários, talvez pela sua origem e pela sua associação frequente com os textos de prática pedagógica”. Outra questão que o pesquisador considerou foram as abordagens meramente pragmáticas para essas publicações realizadas por alguns, mais preocupadas com questões de linguagem (marcas orais, variações diatópicas, diafrásicas etc.) do que com aspectos hermenêuticos, tendo como consequência “um quase que esvaziamento do aspecto literário ou artístico presente na obra, isto é, a obra passa a ser [...] desvinculada de seu ideal artístico” (Gregorin Filho, 2008, p. 37). Ele reforçou que a feição educativa da Literatura Infanto-Juvenil, no Brasil, é importante para a formação do leitor porque, na maioria das vezes, esse só terá contato com o livro e com a leitura no ambiente escolar:

Pela própria historicidade do gênero, não se deve descartar a literatura para crianças e jovens como um objeto de estudo ou de ensino nos cursos de formação de professores ou como área de programa de pós-graduação. Pois a literatura para a criança deve ser oferecida como arte e prazer, arte porque é o resultado de um fazer estético do(s) autor(es) e prazer porque o contato com a arte pode ser encarado desde a mais tenra idade como uma experiência ricamente prazerosa, capaz de nos envolver e trazer novas dimensões ao cotidiano. Assim, a perspectiva pedagógica para a pesquisa-ensino de literatura infantil tem como objetivo voltar a atenção de futuros profissionais da educação para sua diversidade, no sentido de que um livro pode ser aplicado em atividades lúdicas, artísticas e como importante aliado das práticas docentes que envolvem o ler, o escrever e, principalmente, o desenvolvimento de posturas investigativas e críticas do aluno (Gregorin Filho, 2008, p. 39).

A adjetivação do literário destinada a determinadas faixas etárias, infantil ou juvenil, se associa, como afirmou Gregorin Filho (2006, p. 187) em “Literatura infantil brasileira: da colonização à busca da identidade”, às “práticas sociais que foram se impondo à comunidade e na educação oferecida para as novas gerações, principalmente no sentido da educação formal à qual nos referimos anteriormente e que tem seu lugar no Brasil após o século XIX”. O articulista observou muito acertadamente que, com o avanço das décadas, a pluralidade de temas que circularam nas produções para crianças e jovens passou a ser representativa das diversidades étnica, de gênero e sexual.

Ao mesmo tempo em que essa nova literatura feita para crianças e para jovens traz à tona as discussões de valores sociais imprescindíveis para a identidade de nosso povo e para o diálogo com os outros povos de língua portuguesa, devolve para a sociedade novas maneiras artísticas de discutir e veicular esses

valores, seja por meio de novas e múltiplas linguagens, seja por intermédio de novas formas de suporte para que essa arte seja veiculada (Gregorin Filho, 2006, p. 194).

Ana Margarida Ramos, outra estudiosa da Literatura Infanto-Juvenil, desenvolveu o termo ecoliteracia para identificar um conjunto de textos que estimulasse os receptores a deter competências e conhecimentos acerca do discurso ecológico sustentável e, portanto, “respeitador das outras existências para além da sua” (Ramos; Ramos, 2013, p. 17). A série *Dr. Alex*, e também *Amiga Ursa* (2019), se inserem nessa perspectiva, com vários volumes a saber: *Dr. Alex*, editado pela primeira vez pela Global Editora, em 1986 e relançado pela Editora Globinho, em 2019; *Dr. Alex e os Reis de Angra*, Melhoramentos, 1988 com nova edição em 2020; *Dr. Alex na Amazônia*, Melhoramentos, 1990, relançado em 2019; *Dr. Alex e o Oráculo de Quartz*, Melhoramentos, 1992, republicado em 2020 com novo título *Dr. Alex e o Phantom*. Como já observado, *Dr. Alex & Vovó Ritinha: uma aventura no espaço*, de 2021, finalizou a série, com uma viagem utópica em busca de outros espaços, para além dos do planeta Terra. É interessante observar como os livros (e suas reedições) retomaram personagens e situações em rede intertextual.

Os episódios de *Dr. Alex* remetem a cenários significativos para as tramas de denúncia, no primeiro volume da série, o Instituto Biológico de São Paulo é descrito como o lugar em que “havia milhares de cobaias, coelhos, hamsters, camundongos, ratos, etc.” (Lee, 1986, p. 7). Na reedição, o ambiente citado é o BIO - Centro Biológico de Testes em animais -, os “seres divinos que a raça humana tanto desrespeita [...] aqui estão servindo de cobaias e sofrendo maus-tratos como se fossem meros objetos” (Lee, 2019b, p. 11). Os dois livros seguintes evidenciam, nos títulos, os espaços das ações (Angra dos Reis e Amazônia), o quarto ainda que traga alteração no título (ao invés de *Dr. Alex e o Oráculo de Quartz* (1992), *Dr. Alex e o Phantom* (2020)) e modifique os lugares (não mais o Templo da Boa Vontade, em Brasília, mas um Museu em São Paulo), mantém a perspectiva da trama: o roubo e tráfico de pedras preciosas brasileiras. O último que a ativista Lee publicou em 2021, como já observado, citou o cenário no qual a trama se desenvolveu (o espaço), na qualidade também de personagem.

O ator Paulo Kawall Vasconcellos interpretou o cientista alemão Joseph Karl Alex (*Dr. Alex*), ganhador do Prêmio Nobel da Paz por ter defendido causas relativas aos direitos humanos das minorias.

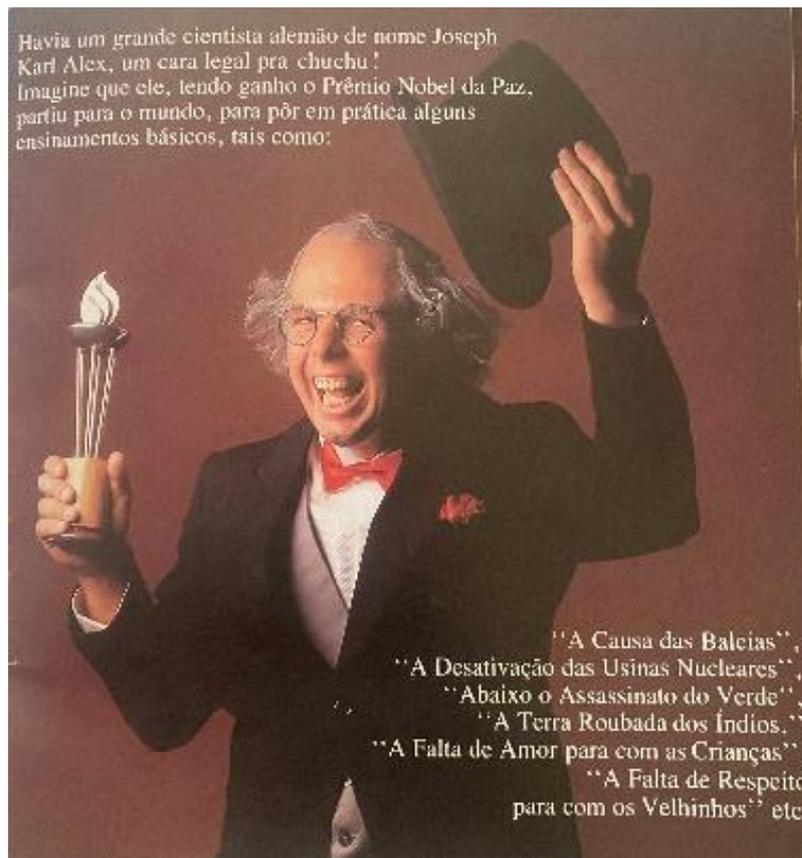


Fig 1 LEE, R. *Dr. Alex*. São Paulo: Global, 1986. Fonte: Lee (1986, ilustração não paginada).

As fotografias que ilustram a obra foram tiradas pela própria autora e o ator se transformou no ratinho Alex através de metamorfose, trazendo a perspectiva encantatória. Os outros seres humanos que participam da estória, além dele, foram os filhos e netos da autora, em vários dos livros. Nas edições das décadas de 1980/1990, a escritora apareceu apenas no primeiro, mas nas reedições surgiu como “Vovó Ritinha” em quatro narrativas e, depois, também em *Amiga Ursa* (2019a). Outro fato é o de Rita Lee ter se assumido como a narradora das estórias em interessante estratégia polifônica, pois a sua voz está em terceira e não na primeira pessoa. Misturar indivíduos reais com personagens é um recurso criativo que reforça a aproximação e a credibilidade dos leitores (inclusive mirins) pelas narrativas que denunciam violências não ficcionais.

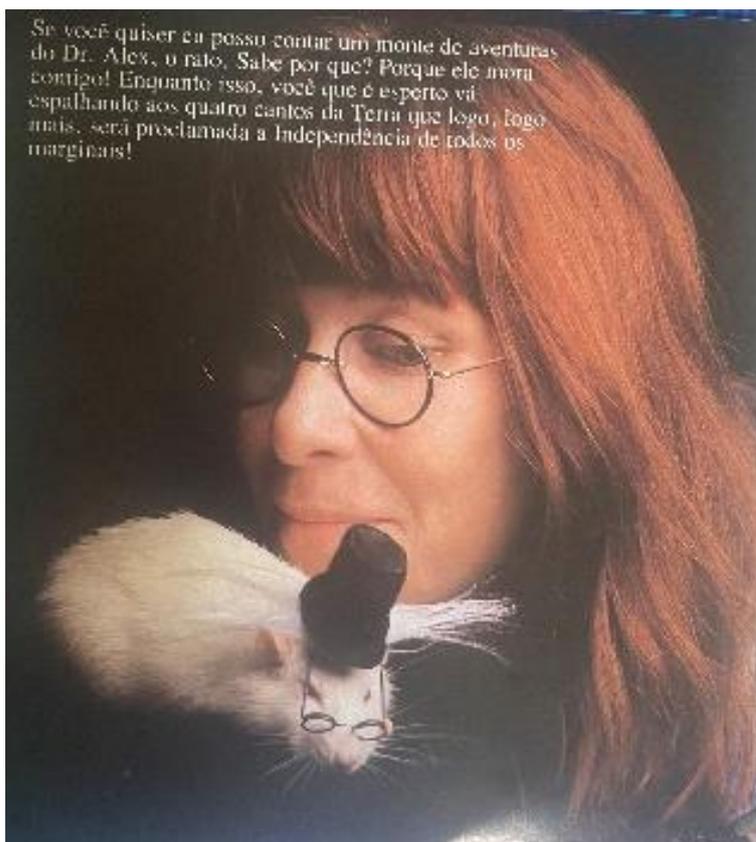


Fig. 2 LEE, R. *Dr. Alex*. São Paulo: Global, 1986. Fonte: Lee (1986, ilustração não paginada).

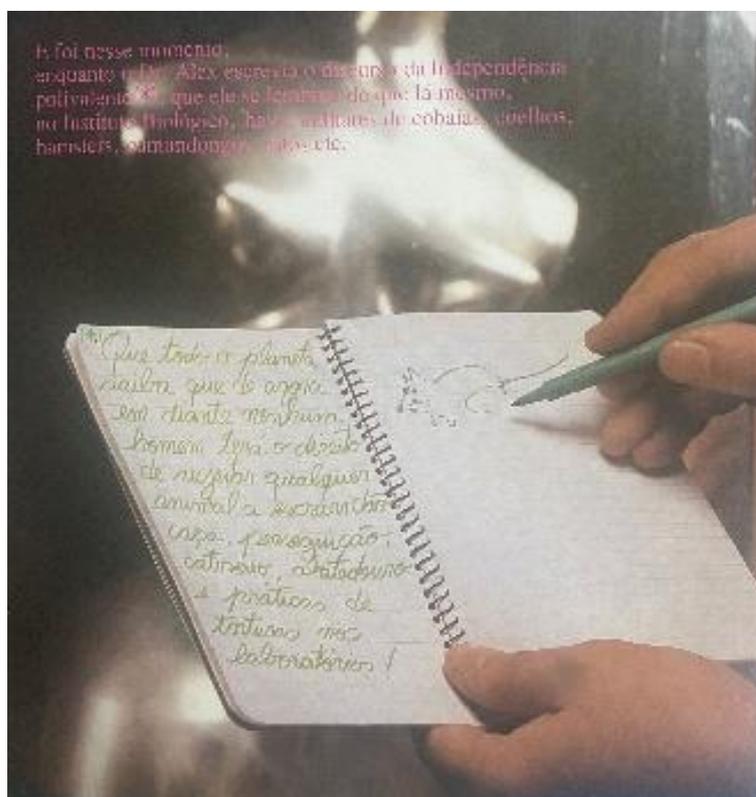


Fig 3 LEE, R. *Dr. Alex*. São Paulo: Global, 1986. Fonte: Lee (1986, ilustração não paginada).

Em *Dr. Alex e os reis de Angra* (1988) participaram os três filhos da artista através de fotos que interagem com as ilustrações, já em *Dr. Alex na Amazônia* (1990), aparecem desenhados, e no último dessa primeira leva, estão em magistral criação que misturou cenários ilustrados com personagens fotografados. Os títulos lançados na reedição deixaram de lado essas inovações interativas, ainda que tenham tido bons resultados gráficos. No último da série, não há mais a presença dos familiares, quando somente vovó Ritinha e Dr. Alex se apresentaram na trama.

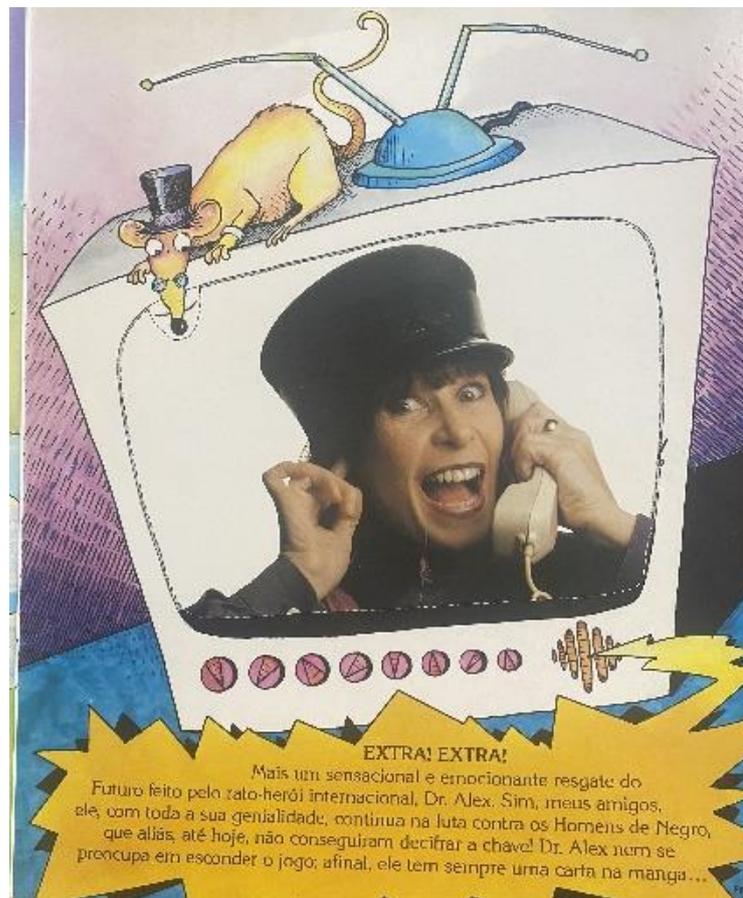


Fig 4 LEE, R. *Dr. Alex e os reis de Angra*. São Paulo: Melhoramentos, 1988. Fonte: Lee (1988, p. 25).

Sobre o espaço na narrativa literária, como observou Nelly Novaes Coelho (2000, p. 153-154) em um dos seus clássicos estudos sobre a Literatura Infantil, *Literatura infantil: teoria, análise, didática*, ele pode aparecer como simples cenário ou participante do dinamismo da ação: “Mais do que revelar o espaço em que vivemos ou os seres e as coisas que nele existem, a literatura inovadora, em geral, procura mostrar, compreender ou sugerir as relações que existem ou podem existir entre eles”. Entendo que os cenários presentes nos livros de Lee

atenderam a esse preceito inovador na medida em que também podem ser considerados personagens que ajudam a denunciar os temas não consolidados pelo *mainstream* e que são abordados pela autora: o laboratório, no primeiro livro, assumiu a perspectiva representativa de todos os ambientes nos quais há experimentos impiedosos realizados com os animais; Angra dos Reis e Amazonas remeteram à luta dos povos nativos; a Pirâmide de Sete Lados aos mistérios ocultos, o Museu aos acervos da humanidade e o espaço, a liberdade e a possibilidade da ampliação do sonho utópico.

A crítica às usinas nucleares de *Dr. Alex e os reis de Angra* (1988) evocou a estória oral das narrativas indígenas cujo ambiente valioso de harmonia e diversidade tornou-se fonte de cobiça capitalista: “Havia uma princesa de nome Angra, que vivia rodeada de suas ilhas de esmeraldas [...] ocupava um dos pedaços mais lindos do reino Tupã Tupiniquim e tudo convivia em perfeita harmonia” (Lee, 1988, p. 9). A devastação da Amazônia, ainda tão atual, em 1990 constituiu outra grande temática perturbadora sobre a qual Lee se debruçou, sintonizada com campanhas ecológicas nas quais foi ativista na década de 1980. Isso porque no século XX, a humanidade já desconstruía a imagem da natureza idílica, tomando consciência de sua destruição com autores publicando a respeito, como Glória Pondé, com Rosa Riche e Glória Sobral, em *Brasil em cantos e versos* (1992), antologia com poesias, canções, cartuns e narrativas que denunciavam o meio ambiente profanado como resultado do “que a exploração econômica depredadora empreendeu em nosso território” (Pondé; Riche; Sobral, 1992, p. 13). É por isso que, na supracitada obra de Rita Lee, as personagens indígenas não surgiram estereotipadas como no ambiente do indianismo brasileiro, mas em pleno conflito e em luta por suas terras. A descendência indígena da autora a autorizava a escrever sobre os povos originários, em uma época em que a literatura indígena escrita por indígenas ainda estava nos seus momentos iniciais no Brasil. Uma outra novidade criativa de *Dr. Alex e os reis de Angra* (1988) foi a de o livro se transformar em brinquedo.

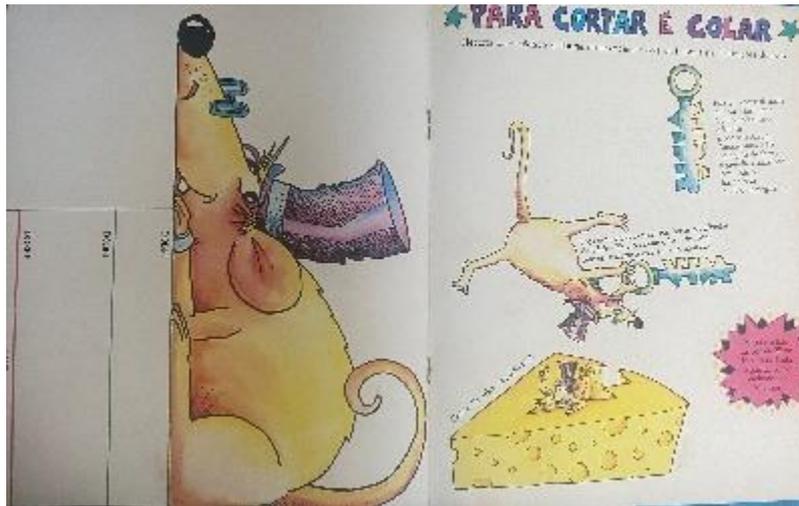


Fig 5 LEE, R. *Dr. Alex e os reis de Angra*. São Paulo: Melhoramentos, 1988. Fonte: Lee (1988).

A cantora percebeu a recepção infantil para a sua obra musical nos anos 1970, quando continuava a ser perseguida por grande parte da crítica, o que já acontecia desde a época da Tropicália, como Norma Lima verificou em *Ditadura no Brasil e censura nas canções de Rita Lee* (2019, p. 58):

No final da década de 70, era comum a veiculação do nome de Rita Lee ao rock, embora ela encaminhasse o seu trabalho para maiores horizontes desde que topara com a Tropicália. Afirmou, em certa entrevista, que o rótulo era prejudicial à música brasileira e que direcionava suas canções para uma recepção infanto-juvenil que não estaria preocupada em defini-la, apenas de recebê-la com sinceridade. ‘Uma criança ouve uma música e não fica procurando mensagens sociais...’.

Tendo sido a compositora mais censurada do Brasil, ao abordar conteúdos considerados nocivos à moral e aos bons costumes, é compreensível que ela tenha se interessado em desenvolver nos livros destinados a crianças temáticas não consolidadas para este segmento, como ficou evidente na entrevista que forneceu ao *Correio Brasiliense*, por ocasião do lançamento de *Amiga Ursa* (2019a):

No meio das tragédias ambientais, políticas e sociais pelas quais passamos nos dias de hoje, é preciso pensar no mundo que queremos deixar para as crianças amanhã. Escrevo para elas para passar a mensagem de que logo mais o planeta estará em suas mãos e que é preciso respeitar todas as formas de vida (Maciel, 2019).

As aventuras heróicas de Dr. Alex

A estreia de Lee como escritora de livros para o público infantil, como já informei, ocorreu em 1986 ao lançar *Dr. Alex* na série “Quem canta conta”, da editora Global, com a arte de Flávio Del Carlo (cineasta famoso dos anos 1970 por filmagens Super-8) para as fotos que ela mesma tirou e que serviram como texto não-verbal complementar à narração. Esse livro estabeleceu com o leitor um pacto narrativo nas edições e reedições: é a própria Lee quem conta a estória, situando-se como narradora e personagem:

Se você quiser eu posso contar um monte de aventuras do Dr. Alex, o rato. Sabe por quê? Porque ele mora comigo! Enquanto isso, você que é esperto vá espalhando aos quatro cantos da Terra que logo, logo mais, será proclamada a Independência de todos os marginais! (Lee, 1986, p. 18).

Mas eu, a vovó Ritinha, sei onde ele está e gostaria de compartilhar o segredo com você, que está lendo este primeiro livrinho sobre o dr. Alex.

Ele se encontra em São Paulo, pois foi adotado por mim e por cinco amigos telepáticos que moram comigo: Beto, Juca, Tui, Ziza e o caçulinha Tutui. Eles formam uma gangue de garotos antenados e cuidam do Alex com muito carinho e respeito. E todos sabem de que se trata de um ratinho pra lá de especial.

Volta e meia, o dr. Alex dá uns rolês por aí... e nós vamos encontrá-lo em outras aventuras daqui pra frente! (Lee, 2019c, p. 31).

Na nova edição uma informação foi acrescentada na contracapa do livro: a autora revelou que aquela narrativa lhe fora contada pela personagem Alex (nas reedições, a abreviatura de doutor antes do nome do personagem está sempre em letras minúscula, ao contrário do que ocorre nas primeiras edições). Tanto a série do ratinho quanto a história da urso estão sintonizadas com a composição multicultural das sociedades pós-industriais, na busca pelo respeito universal entre culturas e seres planetários, quando a literatura infantil pode mediar a compreensão de diferenças e diversidades. Na antiga e na nova versão do primeiro livro (ilustrado por Guilherme Francini), um cientista alemão foi transformado em rato para que não fosse morto por suas investigações contra os experimentos em animais, metamorfoseado para a própria salvação e apto a ser “apresentado a um admirável mundo novo” (Lee, 2019b, p. 27). Um dado que se repetirá em todas as edições da série do Dr. Alex é o humor, como na cena, por exemplo, que mostra o choque linguístico de culturas devido à dificuldade do

estrangeiro em falar a língua portuguesa: “O portuguêzzz sserr um língua muito bonito!” (Lee, 2019b, p. 8).

O segundo livro, *Dr. Alex e os reis de Angra* (1988), mistura fotos (dessa vez tiradas por Paulo Kawal Vasconcellos, que representara o Dr. Alex no livro anterior) dos três filhos da autora, descritos como “os três irmãos telepáticos” – que caracterizaria essas personagens em todos os outros livros e edições, com a inclusão dos netos (com exceção do último). A obra repetiu as acertadas ilustrações de Flávio Del Carlo e houve referências dramáticas que a autora não se furtou de tematizar, como a do acidente nuclear de Goiânia com o césio-137, ocorrido em 1987. Os três irmãos, unidos ao Dr. Alex, precisavam salvar a princesa Angra e restituir a harmonia àquela sociedade. A mensagem final era destinada diretamente aos leitores mirins: “Atenção, criançada, o Futuro é de vocês! Não marque touca e feche a boca de quem quiser destruir o PLANETA TERRA!” (Lee, 1988, p. 26).

A segunda edição não utilizou o recurso da mistura de fotos com ilustrações (que são de Quihoma Isaac), mas seguiu o mesmo enredo do convite para a festa de inauguração de uma usina nuclear em Angra dos Reis, com acréscimo dos dois netos da escritora às personagens de sua família: “Dr. Alex convidou seus companheiros, os amigos telepáticos Beto, Juca, Tui, Ziza e Tutui...” (Lee, 2020a, p. 4). A editora Globinho optou por sempre apresentar na contracapa um resumo da história, na qual a artista se apresentava como a narradora:

A princesa Angra foi sequestrada pelos malvados, que querem acabar com a natureza e construir perigosas usinas nucleares em seu reino. Será que o ratinho Alex e os amigos telepáticos vão conseguir impedir? Vou contar tudo para você! Beijos, vovó Ritinha (Lee, 2020a).

Essa estratégia só ocorreu em alguns livros da série antiga, fato que abordarei adiante.

O terceiro livro *Dr. Alex na Amazônia* (1990), com ilustrações de Daisy Startari, não interagiu com a fotografia como os anteriores. O tema é a luta de Dr. Alex para que a Amazônia não se transforme em um deserto:

Aquelas palavras soaram tão comoventes que a floresta toda se pôs a lastimar a própria sorte. Ouviu-se então uma música muito triste. Era o choro do chorão, do raio, do trovão, da chuva, dos rios, do vento, do uirapuru, dos caiapós, dos yanomamis, dos crenacarores, dos tucunas, dos crenaques, dos bororós, dos botocudos, dos jês, dos carajás, dos cariris, dos maxacalis, dos tupis, dos guaranis, dos Arikemes, dos jurunas, dos mondés, dos mundurucus, dos ramaramas, dos tuparis, dos aruaques, dos aravaques, dos

boras, dos guaicurus, dos caraíbas, dos catuquinas, dos macus, dos muras, dos nambiquaras, dos panos, dos txapacuras, dos tucanos, etc. e todo ser vivo sobre o reino de Tupã. Dr. Alex não dizia uma só palavra. Ele escutava aquela canção que a Mãe Natureza lhe cantava com profundo respeito... (Lee, 1990, p. 5).

Neta de cherokees (povos nativos dos Estados Unidos), bastante sintonizada com a causa nativa brasileira, a autora novamente trouxe personagens indígenas para a cena, como ocorrera com a princesa Angra, do livro anterior. A rica nomeação que fez para os diversos grupos étnicos evidenciou a diversidade e rompeu com a ideia estereotipada do “índio”. No livro também havia referências a antropólogos importantes para o movimento indígena como: Olympio Serra, Carmen Junqueira, Eunice Paiva, viúva do desaparecido político Rubens Paiva e Chico Mendes, líder ambientalista assassinado em 1988, símbolo internacional da luta pela Amazônia: “Representantes de todas as tribos estavam presentes [...] há que se ter muito cuidado, pois eles já mataram vários companheiros, entre eles nosso saudoso Chico Mendes!” (Lee, 1990, p. 8).

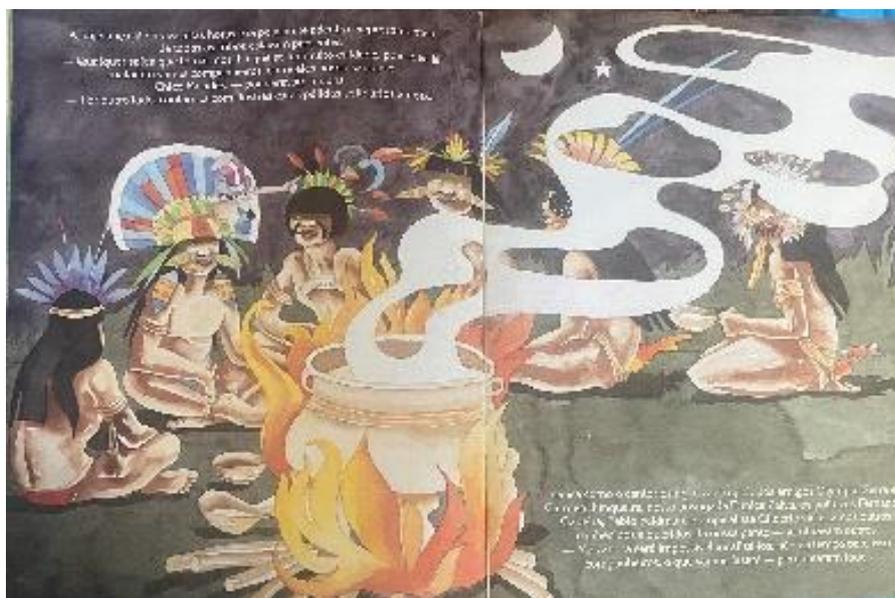


Fig 6 LEE, R. *Dr. Alex na Amazônia*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. Fonte: Lee (1990, p. 8-9).

Esse é o primeiro da leva original que traz um resumo do livro na contracapa, mas não é a voz da artista que se dirige ao leitor:

Rita Lee, cantora, compositora, atriz e escritora, criou o personagem Dr. Alex, que vive perigosas aventuras em defesa do meio ambiente. O ratinho cientista

já acabou com a ameaça atômica em Dr. Alex e os Reis de Angra. Agora ele é chamado pelos índios guaranás para ajudar a afastar os Homens [...] que estão destruindo a Amazônia. Os irmãos telepáticos, naves espaciais [...] vão formar um verdadeiro exército na luta contra a devastação da floresta (Lee, 1990).

Simpática à luta dos povos da terra, em 07/08/1996 ela participaria da gravação de um *compact disc* baseado no oitavo livro do escritor Toni Brandão sobre a história de *Tutu, o menino índio*, o trabalho foi indicado para o antigo Prêmio Sharp de Música (atual Prêmio da Música Brasileira). A ligação da cantora e a sua luta pela causa indígena vem de longa data e está ancorada em sua própria ancestralidade, como já afirmei.

Não se pode deixar de louvar a participação da artista nas causas importantes que tematizou nas obras, que não só assumiram dimensão mais ampla por contar com a sua adesão, como auxiliou e auxilia a sensibilizar milhares de pessoas para elas. Antes dessa experiência, ela já tinha gravado o álbum *Pedro e o lobo* (1989), que trouxe para a linguagem do disco a clássica composição de 1936 de Serge Prokofiev, música que tinha por finalidade levar às crianças sonoridades por meio da representação, de cada personagem da estória, de um instrumento diferente.

Na segunda edição de *Dr. Alex na Amazônia* (2019c), com ilustrações de Quihoma Isaac, a narrativa foi iniciada na casa de “vovó Ritinha” e, novamente, descrita na contracapa do livro “Nesta aventura, o ratinho Alex foi parar na Amazônia! Lá, ele ficou amigo de uma tribo indígena. Os índios estavam muito preocupados com malvados que queriam acabar com as florestas... Quer saber o que aconteceu? Vem comigo! Beijijos, vovó Ritinha”.

Dr. Alex e o Oráculo de Quartz (1992) reuniu equipe de craques para a arte visual, além do sempre presente Paulo Karnal Vasconcellos, contou com as ilustrações criativas de Jejo Cornelsen, artista que atuava em vários campos como o da escultura, da arte de rua e das capas de discos, e do cenógrafo Maurizio Zelada, responsável, entre outras criações, pela parte cênica do *Castelo Ra Tim Bum*, da TV Cultura (1994/1997), sem dúvida, um dos mais belos resultados da coleção. O tema é o mesmo da 2ª edição de 2020, embora os títulos sejam diferentes *Dr. Alex e o Phantom* (2020b), novamente ilustrado por Guilherme Francini, que dá destaque na capa para a artista ao lado do ratinho, enquanto na edição original apenas Alex está na capa. A apresentação do relançamento é: “Imagina um cristal mágico, uma árvore gigantesca cruelmente queimada pelos malvados e até uma ajudinha de nossos primos das estrelas... está tudo aqui nesta aventura do ratinho Alex. Quer saber mais? Vamos nessa! Beijijos, vovó Ritinha”

(Lee, 2020), enquanto a versão primeira permaneceu sem ser identificada como uma interpelação direta da artista:

Nesse livro, o astuto ratinho cientista luta contra [...] um vilão que aprisionou as maiores pedras preciosas do mundo, inclusive o Gran Oráculo de Quartz. Numa viagem cheia de perigos, Dr. Alex e os irmãos telepáticos são ajudados pelo cristal Phantom que tem o poder de invisibilidade... (Lee, 1992).

Na nova edição houve alteração do espaço, enquanto no original as ações ocorriam no Templo da Boa Vontade, no topo da Pirâmide de Sete Lados, em Brasília, na de 2020, transcorreram em uma exposição no Museu de Pedras Preciosas Brasileiras, em São Paulo. O roubo das pedras foi o conflito em ambas e o objetivo do herói, unido aos três irmãos Lee, era o de recuperar o “cristal mais puro do mundo inteiro” (Lee, 1992, p. 5) enfrentando o antagonista (Karvão, no primeiro e Tição, no segundo). A atmosfera transcendental esteve presente na primeira edição em descrições como a que identificava ser ao meio-dia que o sol se refletia, através de prismas mágicos pelas paredes, “e nas sete cores do arco-íris os magos encontram respostas para os mistérios mais ocultos...” (Lee, 1992, p. 5). No relançamento da obra, as crianças foram estimuladas a frequentar acervos da memória: “Assim que chegam ao museu, o dr. Alex, a vovó Ritinha e os amigos telepáticos encontram um grande rebuliço. [...] Isso tudo porque... o famoso Phantom havia sido roubado!” (Lee, 2020, p. 6). As duas histórias denunciaram o comércio clandestino de pedras preciosas e o contrabando de animais, alertando, mais uma vez, para os danos causados à natureza.

Situou-se na perspectiva dos temas ambientais desenvolvidos em todos os exemplares da série, a interessante solução encontrada para a história do vilão Tição no livro lançado pela editora Globinho. O leitor descobre que ele fora um “jequitibá-rosa centenário do parque do Ibirapuera, que estava lá antes de São Paulo ser habitada e que foi cruelmente queimado pelos Sinistros” (Lee, 2020b, p. 11). Assim, percebe-se que a série Dr. Alex (1986-2021), no diálogo estabelecido entre as edições e reedições, enfocou tanto temáticas fraturantes da Literatura Infantil, quanto procurou, através delas, conscientizar os pequenos e as pequenas leitoras para a consciência ambiental.

Uma história triste...

O psicólogo e filósofo Carl Jung (2000) observou que as sociedades industriais distanciaram a humanidade da natureza, provocando a perda de identificação emocional e a ausência de implicações simbólicas, possíveis de serem vivificadas pelas manifestações artísticas, como na Literatura. Cabe ainda observar, com Keith Thomas (1989), que o propósito da existência das coisas no Universo era a de que tinham sido criadas para auxílio e uso do Homem que, por isso, sentia-se superior, elevado arrogantemente acima das outras existências que o cercavam. Por se considerar feito à semelhança de Deus (ou dos deuses), ele estabelecia consigo relação narcisista, ao mesmo tempo em que era sintonizado ao parâmetro de identificação que atirava para a margem os que não se encontravam inseridos no modelo, podendo maltratar e até assassinar as outras espécies.

O conceito de ecoliteracia, desenvolvido por Ana Margarida Ramos e Rui Ramos (Fonseca; Ramos, 2015), prevê a ruptura de uma literatura infanto-juvenil que identificou os aspectos encantatórios naturais mostrados aos pequenos leitores, para outra que procurou despertá-los para o fato de que o meio ambiente precisava de atenções especiais:

A ecoliteracia é a capacidade de os cidadãos desenvolverem um tipo de pensamento favorável à desconstrução do paradigma antropocêntrico que caracteriza as sociedades ocidentais e as suas consequências mais diretas, nomeadamente a concepção do homem como legítimo explorador do meio natural em seu proveito e a da natureza como uma inesgotável fonte de bens ao dispor de todas as necessidades e desejos humanos (o providencialismo). A essa desconstrução corresponde a edificação de concepção ecocêntrica, segundo a qual o homem se encontra integrado num sistema biológico complexo, cujo equilíbrio deve constituir uma aspiração o individual e coletiva. (Ramos; Ramos, 2013, p. 17).

Tanto na série *Dr. Alex* (1986-2021), quanto no livro *Amiga Ursa* (2019a), as personagens principais pertencem ao reino animal, protagonismo que Lee forneceu à própria Natureza, quando a invenção do Estado lhe outorgou ser o guardião de uma pretensa liberdade, como observou Carlos Marés (2002), na qual o mundo natural se apresentava submisso, podendo o Homem escravizá-lo ou destruí-lo para proveito próprio. Na contracapa do livro, que narra a saga dolorosa da urso sequestrada, a autora observou:

Conto aqui a história da urso Rowena, que foi maltratada durante anos e hoje vive feliz no Rancho dos Gnomos. Este livrinho é para vocês: as crianças que irão mudar o planeta com o respeito que todos os animais merecem, já que eles são nossos companheiros. (Lee, 2019b).

A ursinha é retratada com sentimentos, expressa-se através de pensamentos ou ainda por telepatia, da mesma forma que ocorria com o ratinho Alex, embora ele também tivesse o dom da fala, por ter sido um humano transformado em animal para salvar os seus pares. *Amiga urso* (2019a), como já observei, narra a violência cometida contra quatro ursinhos siberianos sequestrados por caçadores e vendidos para circos e zoológicos. As ilustrações de Guilherme Francini reforçaram os laços de interação e de afeto entre o animal e a autora, que surgiram na capa abraçadas. O subtítulo observa que a história é triste, mas o final feliz, assim a autora, como já fizera com Dr. Alex, enveredou por temas considerados incômodos para as crianças:

No fim do século 20, por volta dos anos 1980, lá nos confins congelados da Sibéria (no território que faz parte da Rússia), nasceram quatro ursinhos da espécie *Arctos*, ou ursos pardos – Marsha, Kátia, Ira e Misha. [...]

Pois bem, foi só a mãe urso sair da caverna para arranjar o que comer, e eis que surgem de trás da moita três caçadores sinistros que sequestraram os filhotinhos. Do mesmo jeito que chegaram, os bandidos desapareceram. Eram traficantes internacionais de animais, que ganham dinheiro para capturar bichos selvagens e vendê-los a circos e a zoológicos do mundo todo.

Dá pra imaginar o desespero de mãe urso ao perceber a caverna vazia e seus filhotes sumidos? No mesmo momento, ela farejou no ar o cheiro dos sinistros e entendeu que nunca mais veria seus filhinhos novamente. (Lee, 2019a, p. 6).

Quando os ursinhos desembarcaram no Brasil, a alteração da temperatura foi assinalada para os pequenos leitores entenderem a mudança brusca e a inadaptação dos animais sequestrados. Dos quatro, só Masha e Kátia tiveram os destinos conhecidos, tendo sido levadas para dois circos diferentes:

Os anos foram passando e eu continuei lá... Os bichos selvagens não nasceram para fazer “truques” ou aparecer em circos. Para fazer essas coisas, os “treinadores” amarravam a minha boca, assim eu não morderia ninguém. Mas eu estava assustada, com fome e longe do meu país (Lee, 2019a, p. 19).

A saga da urso aprisionada por vinte anos e depois levada para um zoológico, que consegue no final ser resgatada para o Rancho dos Gnomos, inseriu na história outras

personagens reais, além de Lee: a francesa Brigitte Bardot e a brasileira Luísa Mell, conhecidas defensoras da causa animal.

As três celebraram o final feliz como se fossem crianças em uma festa, cada uma no seu canto se congratulando pela vitória e chorando de emoção. Quando um animal selvagem é retirado de seu habitat e passa muito tempo aprisionado, ele não consegue retornar à natureza. Por isso, Marsha vive no santuário com espaço muito maior e onde recebe cuidados médicos e comida apropriada.

Estranhamente, porém, [...] ainda sintonizavam uma serenata triste no ar. De onde viria esse lamento agora?

A própria urso Marsha deu a resposta telepaticamente...

O lamento vem de todos os meus irmãos ursos que foram raptados de seu habitat e também precisam de socorro. Nossa felicidade só estará completa quando não houver mais tráfico de animais, e todo mundo viver em paz, livre e feliz. Esse lamento não é só dos ursos, mas de todos os animais que neste momento sofrem longe de seu lar, aprisionados em circos e zoológicos no planeta Terra (Lee, 2019a, p. 35-37).

Apesar do subtítulo ter chamado a atenção para o final feliz, ele não foi extensivo a todos os animais, a autora deixou isso evidente nas últimas páginas do livro, utilizando, inclusive, da linguagem das redes sociais – *hashtags* -. Lee, assim, inovou ao também procurar se aproximar de seu jovem público leitor por meio do ambiente virtual, para incentivar a causa pela defesa dos animais, a qual perseguiu na literatura e na vida há muito tempo: “#UrsosLivres! #FreeBears! #AnimaisLivres! #FreeAllAnimals!” (Lee, 2019a, p. 37).

O livro finalizou com várias outras mensagens de ordem contra os maus tratos: “Abaixo todo tipo de tráfico de animais”, “Abaixo eventos que humilham e exploram animais”, “Diga não à escravidão dos animais” (Lee, 2019a, p. 39). Cabe ressaltar que parte da verba da venda dessa obra foi destinada ao Rancho que recebeu Rowena, mas apesar de todos os cuidados, um mês depois do lançamento, da contação da estória pela própria artista e da tarde de autógrafos (que seria a última da artista, falecida em 08/05/2023), a urso partiu, o que fez com que a autora dedicasse as segundas edições de *Dr. Alex* à sua memória.

Em entrevista ao caderno “Ela”, de *O Globo*, declarou:

Quando criança, perdemos um pouco da inocência ao adquirir a consciência da morte. Geralmente, não queremos falar desse tema com crianças. E isso passa para elas uma impressão de algo muito ruim. Do medo da morte. Quando temos que entender que tudo o que existe no universo passa por transformações. E a nossa transformação é em espírito. Somos espírito num

mundo material, fazendo uma viagem. Às vezes, quando morre uma pessoa ou um bicho, dizem: ‘Mamãe virou uma estrelinha’, ‘seu bichinho virou uma estrelinha’. Criança gosta de honestidade. Então, vou dar um toque de forma leve sobre o assunto (Samora, 2019).

A afirmação da artista está coerente com a abordagem de temas considerados difíceis de serem desenvolvidos na literatura para crianças. Ana Margarida Ramos, em conferência intitulada “Temas fraturantes hoje: sobre a necessidade de uma literatura para a infância que incomoda” (2021), observou que no geral as temáticas periféricas são abordadas primeiramente pela Literatura juvenil e só depois na infantil, entretanto, não é o que se percebe nos livros de Rita Lee, que não se privou desses temas para crianças, desde a década de 1980. Ramos igualmente relacionou que as abordagens fraturantes foram desviadas da recepção infantil por se pretender focar a infância ainda do ponto de vista do século XIX, quando era relacionada com a imagem romântica da inocência e da saudade, entre outros. A estudiosa também mencionou que a perseguição a livros julgados inapropriados para determinadas idades foi, preferencialmente, voltada para obras destinadas ao público infantil a fim de ser exercido algum tipo de controle em suas leituras. Ela ainda observou que o mercado editorial e seus grandes grupos sempre selecionarão alguns livros e temas em detrimento de outros; nesse sentido, repito ser louvável que uma artista de grande popularidade e talento para a escrita tenha se empenhado em desenvolver assuntos delicados e necessários para as crianças, com a finalidade de despertá-las para as injustiças sociais.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman, no clássico *Literatura infantil brasileira: história & histórias* (2003), observaram que ao longo dos anos 1970, o Instituto Nacional do Livro começou a coeditar expressivo número de obras infantis e juvenis com finalidade pedagógica. Essa iniciativa correspondeu, no plano da iniciativa privada, ao investimento de grandes capitais em Literatura Infantil, tornando-se um próspero investimento. Zilberman (2014) informou em outra publicação: “a participação dos livros destinados a crianças e jovens no Brasil só é menor que a dos livros didáticos” (Zilberman, 2014, p. 222), por isso há o alto faturamento e interesse pedagógico para a compra de exemplares pelo Ministério da Educação.

De uma parte, a interferência governamental tem um efeito perverso porque induz à produção de obras conforme temas e faixas etárias privilegiados por editais públicos. De outra, tais ações colaboram para o fortalecimento da indústria editorial e, sobretudo, para a profissionalização de escritores e ilustradores, conferindo à literatura infantil e juvenil do país invejável posição,

se comparada a suas congêneres no plano da ficção e da poesia (Zilberman, 2014, p. 224).

Em contextos nos quais editais podem controlar e limitar temas da Literatura Infantil é glorioso que a compositora mais censurada do Brasil tenha há quase quatro décadas se dedicado, também, a escrever para crianças, pois a Literatura Infantil (e Juvenil) pode ser um texto estético-político importante para formar futuro/as adulto/as comprometido/as com a cidadania de um mundo melhor. Recente matéria publicada no “Segundo Caderno” chamou a atenção para a onda de livros preocupados com a crise ecológica, que deixara de ser retratada pela ficção científica, ou pelos gêneros fantásticos, quando a literatura realista se acostumou a tomar a natureza como cenário estável onde se desenvolviam dramas humanos. A obra de Rita Lee desmente ser essa estratégia algo recente (Gabriel, 2024, p. 1).

A utopia literária de Rita Lee

Depois de realizar a trajetória de quatro volumes lançados e relançados da série Dr. Alex, o último – *Dr. Alex & Vovó Ritinha: uma aventura no espaço* (2021) – enviou o ratinho e a vovó para o Universo, mais uma vez com as ilustrações de Guilherme Francini e com um pequeno resumo na contracapa, assinado pela autora:

Sempre me perguntei onde eu estava antes de nascer e para onde vou depois que morrer... E não é que um ETzinho muito simpático apareceu aqui em casa e levou eu e o ratinho Alex para dar uma voltinha pelo espaço em seu disco voador? Conhecemos tantos planetas, seres e paraísos que resolvi contar este segredo só para você, que vai ler este livrinho comigo! Vamos nessa? Beijos da vovó Ritinha (Lee, 2021).

A aventura iniciou com vovó e Alex posicionados na grama, fitando o céu salpicado de estrelas com lua cheia e planetas pelo telescópio, “como um planeta gigante” (Lee, 2021, p. 4). Uma estrela, que depois se revelaria sendo uma pequena nave espacial, aproximou-se dos dois, trazendo um contato de terceiro grau com Grey, um ser interplanetário:

– Eu sei quem são vocês, sei que defendem todas as formas de vida do Projeto Terra, por isso já os considero meus amigos. Bem, agora, feitas as devidas

apresentações, que tal levá-los a um passeio pelo espaço na minha nave? (Lee, 2021, p. 9).

O voo de Alex e Vovó representa a tentativa de quebra das amarras terrestres, na busca por um outro lugar, o que também evidencia os embates advindos das coexistências tensas assinaladas nos volumes anteriores da série, entre a natureza e a humanidade. Com esse derradeiro livro, a autora desfez fronteiras, na busca fraterna que caracterizou toda a série do Dr. Alex, na busca de novos formatos (a vovó é transformada em uma fada e o ratinho também recebe asas e duas antenas de luz para a jornada por outros mundos), como bem observaram Izabel Margato e Renato Cordeiro Gomes na Apresentação de *Espécies de espaço: Territorialidades, literatura, mídia* (2008), a tecnologia (mesmo a de outros mundos) permitiu deslocamentos rápidos, mas efêmeros, que os indivíduos recorrem a fim de não se submeterem às imposições sociais, desviando-se delas através de estratégias de singularização, no caso deste livro, na busca pelo não-lugar.

Através da Literatura, Rita Lee vai ao encontro do que José Teixeira Coelho Netto refletiu em *Arte e utopia: arte de nenhuma parte* (1987) quando o pesquisador imbricou os conceitos de arte e utopia por entender que a arte é um princípio utópico, na busca por outras possibilidades para os dramas humanos, que não se situem como irrealizáveis. Ao trazer para o cenário do leitor infantil uma personagem extraterrestre, a autora incentivou o respeito ao diferente e à diversidade (caminho aberto, no cinema com *ET, o Extraterrestre* (1982), produzido e dirigido por Steven Spielberg); “[...] não existem Ets do mal, somos todos muito evoluídos espiritualmente” (Lee, 2021, p. 36). As ilustrações de Francini dialogaram de forma suave com a narrativa e chegaram a inovar, quando Dr. Alex se deparou com o grande criador do universo, não descrito na narrativa como tendo características africanas, mas caracterizado dessa forma pelo ilustrador.

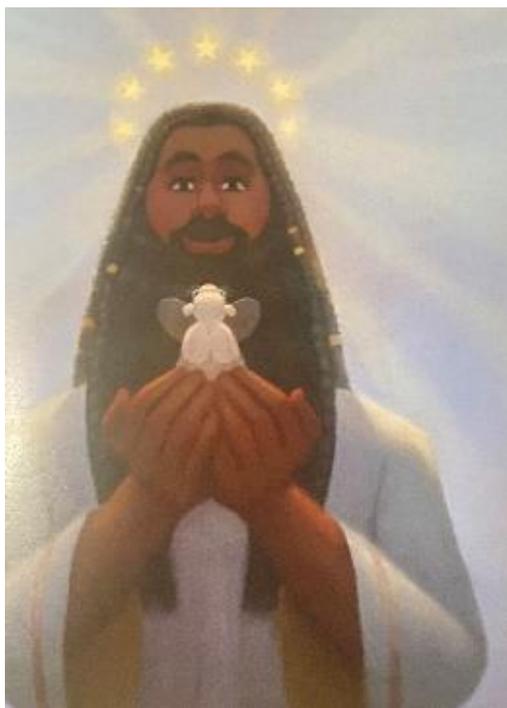


Fig 7 LEE, R. *Dr. Alex & Vovó Ritinha: uma aventura no espaço*. São Paulo: Globinho, 2021. Fonte: Lee (2021, ilustração sem paginação).

Vovó Ritinha, a narradora personagem, não é uma adulta conselheira que se aproveitou de sua fama para influenciar as crianças, o que realizou em suas obras da Literatura Infantil é ter sido companheira de seus leitores mirins, tornando-se criança para chegar a elas. Os seus livros, com diálogos interessantes e curiosos, são autênticos e respeitosos com o mundo e com a fantasia infantil, além de apresentarem linguagem animada, repleta de expressões audiovisuais que dialogaram com o que Gaston Bachelard (1993, p. 25) definiu como imaginação:

Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, ela é sobretudo a faculdade de libertar-nos das primeiras imagens, de mudar as imagens. O vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é imagem, mas imaginário. O valor de uma imagem mede-se pela extensão da sua auréola imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. É ela, no psiquismo humano, a própria experiência da abertura, a própria experiência da novidade.

[...]

A imaginação não é, como o sugere a etimologia, a faculdade de formar as imagens da realidade; ela é a faculdade de formar as imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. Ela é uma faculdade de sobre-humanidade. [...] A imaginação inventa mais que as coisas e os dramas, ela inventa a nova vida, ela inventa do novo espírito; ela abre os olhos que têm

novos tipos de visão. Ela verá se ela tem ‘visões’. Ela terá visões se ela se educa com os devaneios antes de educar-se com as experiências, se as experiências funcionam em seguida como provas dos seus devaneios.

A imaginação literária não se percebe como universo paralelo do real, mas como a que o ultrapassa para mudar o mundo, nesse sentido o público infantil é o interlocutor privilegiado dessa literatura e da possibilidade dessa mudança.

Como observou Sonia Salomão Khéde em *Literatura infanto-juvenil: um gênero polêmico* (1986) a produção contemporânea para crianças tentou minimizar a cisão mundo-adulto/mundo-infantil, principalmente no que essa ela evidenciava um tipo de discurso sobre e para a criança procurando impor a sua visão. Aquela nova produção, principalmente nos anos 1980, tentou romper com a tradição, sendo esse o contexto em que Rita Lee, em 1986, começou a contar histórias cujas centralidades para o protagonismo foram dadas aos animais – um ratinho, uma urso – que necessitavam (e necessitam) de proteção e respeito, como todos os outros animais. Vale ressaltar que a série Dr. Alex foi lançada na década na qual o Brasil começou a respirar ares democráticos, depois da Ditadura Militar (1964-1985) e da crise na educação, quando houve o esforço para promover a leitura na Educação Básica, com o lançamento de títulos voltados para aquelas faixas etárias, ainda que essa perspectiva ainda trouxesse resquícios de se pensar a Literatura em circulação nas escolas com o objetivo primeiro de ensinar a língua portuguesa padrão, como observou Norma Sueli Rosa Lima em “O ensino das literaturas de língua portuguesa no Brasil” (2016), sem desenvolver o senso crítico das crianças. Segundo Lígia Cademartori em *O que é literatura infantil* (1987, p. 19):

A educação formal voltou-se ao texto infantil despertada por interesses mais imediatos. Sendo inegável o abalo do ensino de língua portuguesa, a literatura infantil passou a ser vista como instrumento de uma possível expansão do escasso domínio linguístico dos alunos, um ato de fé no slogan ‘quem lê, sabe escrever’.

A série Dr. Alex e o livro *Amiga Ursa* (2019a), aqui analisados, foram muito mais longe do que incentivar uma educação formal voltada para aspectos prescritivos, tiveram como uma de suas principais finalidades a preocupação de formar gerações capazes de pensamento crítico e com condições de superar experiências discriminatórias, pois seguiram a trilha da defesa da natureza, dos direitos humanos dos povos originários e de todas as formas de vida da Terra.

Conclusão

Curioso que em sua última publicação, diferentemente das anteriores, Rita Lee tenha realizado tantas menções à morte, já no resumo da contra-capá: “para onde vou depois que morrer...” e na narrativa: “[...] nossa vida na Terra é passageira” (Lee, 2021, p. 21), “Agora sei que não devo mais ter medo de morrer” (Lee, 2021, p. 31). A autora, que faleceria dois anos depois da publicação dessa obra, não deixa, contudo, de trazer uma mensagem esperançosa no final:

Alô, crianças do planeta Terra! Vocês têm a vida inteira pela frente para brincar, fantasiar, amar os animais, fazer amigos, crescer, cuidar da Mamãe Natureza e transformar o mundo num lugar mágico onde todos são irmãos e filhos do Criador do Universo (Lee, 2021, p. 40).

A sua palavra final de comunhão é um hino ao respeito pelo Outro, consoante com o que desenvolveu anteriormente em sua passagem pela Terra, artística e humanamente. As estórias de Rita Lee, tanto na série Dr. Alex (1986-2021), quanto em *Amiga Ursa* (2019a), inserem problemáticas modernas nas fontes tradicionais da Literatura Infantil, com destaque para a imaginação e a criatividade, presentes, inclusive, nas ilustrações de todos os livros aqui analisados, acreditando na inteligência da criança, na sua curiosidade intelectual e na capacidade de compreensão para o projeto de um Brasil melhor.

O caráter formador da literatura infantil vinculou-a, desde sua origem, a objetivos pedagógicos e “silenciou no texto questões relativas à sexualidade, ao racismo, à segregação das mulheres e outras mazelas da sociedade e seus jogos de poder” (Cademartori, 1987, p. 24), entretanto os livros da Literatura Infantil aqui analisados desenvolveram o desafio dos conflitos e de se pensar a diversidade. A autora trouxe para o universo das crianças não somente o debate de temas atuais, como também os fraturantes, colocando-as em contato com dissabores e injustiças que devem ser combatidos, além do importante estímulo das gerações mais jovens à leitura do livro, em tempos contemporâneos e digitais.

Referências

- BACHELARD, G. *L'Eau et les Rêves*. Essai sur l'imagination de la matière. Paris: Le Livre de Poche, Librairie José Corti, 1993.
- CADEMARTORI, L. *O que é literatura infantil*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- FONSECA, A. D.; RAMOS, A. M. Tendências da literatura juvenil contemporânea: os temas fraturantes na obra de Ana Saldanha. *Literartes*, São Paulo, n. 4, p. 89-106, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/89312>. Acesso em: 29 nov. 2021
- GABRIEL, R. de S. Realidade faz crescer a “Ficção Climática”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2024. Segundo Caderno.
- GREGORIN FILHO, J. N. Literatura infantil brasileira: da colonização à busca da identidade. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 9, p. 185-194, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50049>. Acesso em: 10 out. 2021.
- GREGORIN FILHO, J. N. Literatura para crianças e jovens: panorama de linhas investigativas. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 14, p. 35-44, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50378>. Acesso em: 15 out. 2021.
- JUNG, C. G. Os arquétipos do inconsciente coletivo. In: JUNG, C. G. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 13-89.
- KHÉDE, S. S. Apresentação. In: KHÉDE, S. S. (org.). *Literatura Infanto-Juvenil: um gênero polêmico*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 5-6.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LEE, R. *Amiga Ursa: uma história triste, mas com final feliz*. São Paulo: Globinho, 2019a.
- LEE, R. *Dr. Alex & Vovó Ritinha: uma aventura no espaço*. São Paulo: Globinho, 2021.
- LEE, R. *Dr. Alex e o Oráculo de Quartz*. São Paulo: Melhoramentos, 1992. Não paginado.
- LEE, R. *Dr. Alex e o Phantom*. 2. ed. São Paulo: Globinho, 2020b.
- LEE, R. *Dr. Alex e os reis de Angra*. 2. ed. São Paulo: Globinho, 2020a.
- LEE, R. *Dr. Alex e os reis de Angra*. São Paulo: Melhoramentos, 1988. Não paginado.
- LEE, R. *Dr. Alex na Amazônia*. 2. ed. São Paulo: Globinho, 2019c.

- LEE, R. *Dr. Alex na Amazônia*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. Não paginado.
- LEE, R. *Dr. Alex*. 2. ed. São Paulo: Globinho, 2019b.
- LEE, R. *Dr. Alex*. São Paulo: Global, 1986.
- LIMA, N. *Ditadura no Brasil e censura nas canções de Rita Lee*. Curitiba: Appris, 2019.
- LIMA, N. O ensino das Literaturas de língua portuguesa no Brasil. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 172-184, 2016.
- MACIEL, N. Cantora Rita Lee aposta na sensibilidade infantil em novo livro. *Correio Brasiliense*, Brasília, DF, 2019. Não paginado. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/06/30/interna_diversao_arte,766761/rita-lee-amiga-ursa.shtml. Acesso em: 1º dez. 2021.
- MARÉS, C. F. Liberdade e outros direitos. In: NOVAES, A. (org.). *O avesso da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 265-277.
- MARGATO, I.; GOMES, R. C. (org.). Apresentação. In: MARGATO, I. *Espécies de espaço: Territorialidades, literatura, mídia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 7-17.
- PONDÉ, G.; RICHE, R.; SOBRAL, V. (org.). *Brasil em cantos e versos: natureza*. São Paulo: Melhoramentos, 1992.
- RAMOS, A. M. Temas fraturantes hoje: sobre a necessidade de uma literatura para a infância que incomoda. In: ENCONTRO NACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL E I CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL DA UERJ, 2., 2021, Rio de Janeiro. 1 vídeo (113 min). Rio de Janeiro: UERJ, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T6lCYCDU9aQ&t=5298s>. Acesso em: 3 dez. 2021.
- RAMOS, A. M.; RAMOS, R. Ecoliteracia e literatura para a infância: quando a relação com o ambiente toma conta dos livros. *Solta palavra*, Porto, n. 19, p. 17-24, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258368963_Ecoliteracia_e_literatura_para_a_infancia_quando_a_relacao_com_o_ambiente_toma_conta_dos_livros. Acesso em: 11 nov. 2021.
- SAMORA, G. Rita Lee sobre o Brasil: ‘Era para a gente estar nos Jetsons e estamos voltando para os Flintstones’. *O Globo*. Rio de Janeiro, 2021. Não paginado. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/rita-lee-sobre-brasil-era-para-gente-estar-nos-jetsons-estamos-voltando-para-os-flintstones-25212650>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- TEIXEIRA COELHO NETO, J. *Arte e utopia: arte de nenhuma parte*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- THOMAS, K. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. Tradução: João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VIOLA, E. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecolítica. In: GABEIRA, F. *et al.* (org.). *Ecologia & política no Brasil*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1987. p. 63-110.

ZILBERMAN, R. Leitura para crianças e jovens. *Gragoatá*, Niterói, v. 17, n. 37, p. 221-238, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32994>. Acesso em: 25 nov. 2021.

Environmental themes and fracturing topics in Rita Lee's children's literature

Abstract: Examination of Children's Literature books, written by Rita Lee, which addressed unusual themes for the intended age reception, such as violence, animal trafficking, the devastation of nature, among others. The analysis comprises the Dr. Alex series, with works published between 1986-1992, republished between 2019-2020, including an unpublished story released in 2021 and *Amiga Ursa*, from 2019. The theoretical perspectives of Ana Margarida Ramos, José Nicolau Gregorin Filho, Marisa Lajolo, Teresa Colomer and Regina Zilberman, among others, helped the reflections that concluded that this production had both aesthetic and activist features, in addition to the unquestionable importance of the environmental and fracturing approaches of the works, widely publicized and reflected as a result of having been written by a famous artist, who re-released them in a large corporate publisher. The reissues identified the relevance of unusual approaches for children due to the current nature of the themes reported, realizing the writer's pioneering spirit regarding the current wave of books focused on climate fiction, in which the environment is not just a setting.

Keywords: Rita Lee; Children's Literature; Fracturing themes; Environmental themes; Climate fiction.

Recebido em: 4 de junho de 2024.

Aceito em: 10 de julho de 2024.